



Guia de Consulta do Manifesto Feminista do Sul

Conteúdo

Sobre o Projeto Manifesto Feminista do Sul	2
Por que precisamos de um Manifesto Feminista do Sul	2
Quem queremos ouvir	3
Por que você deve participar	4
Nosso posicionamento	5
Nossos princípios fundamentais	5
Processo de elaboração do manifesto	6
Temas de discussão e perguntas orientadoras	7
Pilar 1: Confrontando hegemonias	7
Pilar 2: Criação de novos conhecimentos para futuros feministas do sul	8
Pilar 3: Recuperação do internacionalismo sul-sul	8
Pilar 4: Reimaginando o desenvolvimento	9
Pilar 5: Estratégias para mudança e resistência	10
Diretrizes de participação	10
Contatos	11
Membros da equipe do projeto	11
Nos siga nas redes sociais	11
Anexo A: Glossário	12
Anexo B: Principais características, abordagens e visão do Manifesto Feminista do Sul	13

Sobre o Projeto Manifesto Feminista do Sul

O Manifesto Feminista do Sul busca articular uma visão e uma agenda poderosas e coesas que reflitam as aspirações e demandas coletivas das feministas do Sul Global. O manifesto reafirmará o Feminismo do Sul Global como uma identidade distinta e um esforço político. Seu objetivo é ser um documento vivo que proporcione coerência política e uma base para a organização, ao mesmo tempo em que evolui continuamente por meio de um processo inclusivo e participativo de elaboração e atualização.

Os principais objetivos do Manifesto Feminista do Sul são:

- Articular uma visão política e uma agenda compartilhadas para a organização feminista do Sul em todas as regiões;
- Desafiar as estruturas do cisheteropatriarcado, do racismo, do capitalismo, do colonialismo e da opressão;
- Imaginar soluções baseadas em estruturas decoloniais e interseccionais; e
- Criar um roteiro para ação coletiva entre regiões, identidades e setores.

O processo do manifesto está sendo coordenado pela South Feminist Futures (SFF), associação transnacional de membros de todo o Sul Global e de feministas negras, indígenas e racializadas do Norte Global (Norte-Sul). A SFF está comprometida com a construção de solidariedade entre feministas de todas as fronteiras para moldar visões coletivas e agendas para o futuro que se baseiam em experiências compartilhadas, na rica história da teorização feminista e em nossa determinação de sustentar e expandir os ganhos de nossas lutas.

Embora a SFF esteja coordenando esse esforço, o manifesto final pertencerá ao movimento feminista mais amplo do Sul Global como uma articulação coletiva dos princípios fundamentais do "Feminismo do Sul".

Para dar o pontapé inicial, estamos organizando consultas em cinco idiomas - Árabe, Inglês, Francês, Português e Espanhol - com planos para facilitar discussões adicionais conforme necessário, garantindo uma abordagem inclusiva. Esperamos nos conectar com feministas globalmente para moldar uma visão ousada para o futuro que desafie as desigualdades históricas.

Por que precisamos de um Manifesto Feminista do Sul

Em um mundo que luta com desafios convergentes - neocolonialismo, crises climáticas e a ascensão do fascismo - é necessária uma resposta poderosa das feministas do Sul Global. Os movimentos do Sul Global estão ganhando impulso na defesa de mudanças sistêmicas, mas ainda há uma lacuna crítica. A cooperação Sul-Sul, em seu estado atual, não apenas ignora as preocupações feministas, mas, em alguns casos, beira de maneira alarmante o discurso antifeminista e antigênero.

Para priorizar as agendas feministas, precisamos:

1. Confrontar hegemonias;
2. Construir uma nova base de conhecimento;
3. Reimaginar o desenvolvimento;
4. Elaborar estratégias para mudanças e resistência; e
5. Reivindicar o internacionalismo Sul-Sul.

Nos inspiramos em manifestos históricos fundamentais, como a Declaração Coletiva do Rio Combahee (1977), a Declaração Feminista do Sul da Ásia (1985) e a Carta de Princípios Feministas para Feministas Africanas (2006) para criar espaços autônomos na articulação de soluções para crises globais e remodelar o cenário da organização feminista em diferentes regiões do Sul Global.

Ao reunir vozes diversas, o manifesto apresenta uma oportunidade de desafiar a fragmentação dentro dos movimentos e construir solidariedade entre identidades e táticas para a transformação sistêmica. Este manifesto servirá como uma estrutura política e analítica para declarações conjuntas, campanhas, estratégias e iniciativas futuras alinhadas com nossos objetivos comuns.

Quem queremos ouvir

Nosso objetivo é centralizar as vozes de todo o Sul Global na formação do Manifesto Feminista do Sul. Se você se identifica como mulher, pessoa trans ou não-binária do Sul Global, ou como mulher, pessoa trans ou não-binária negra, indígena, ou racializada (BIPOC) do Norte Global, você está extremamente convidada a participar da conversa.

Para garantir a diversidade, nós nos esforçamos para ter representação em todos os setores:

- **Geografias:** África, América Latina e Caribe, Ásia e Pacífico, Ásia Ocidental e muito mais. Compartilhe suas informações de país e região.
- **Identities:** Grupos raciais e étnicos historicamente marginalizados, comunidades LGBTQIA+, pessoas com deficiência, jovens feministas com menos de 30 anos, trabalhadores migrantes, profissionais do sexo, trabalhadores domésticos, povos indígenas e outros. Compartilhe os detalhes de sua identidade.
- **Vozes de base/linha de frente:** Queremos ouvir especialmente ativistas de coletivos informais, grupos comunitários e organizações locais/territoriais de direitos das mulheres. Indique seu tipo de trabalho.
- **Circunstâncias:** Queremos ouvir ativistas que estejam enfrentando desastres climáticos, vivendo sob ocupação militar e/ou enfrentando conflitos violentos e instabilidade. Reconhecendo que a ocupação e o conflito, embora por vezes interligados, referem-se a dinâmicas de poder distintas, queremos ouvir as perspectivas daqueles que enfrentam uma ou ambas as situações. Compartilhe detalhes de suas circunstâncias, protegendo sua segurança.

Por que você deve participar

O Manifesto Feminista do Sul visa ser uma articulação coletiva da visão, análise e agenda das feministas do Sul Global.

Reconhecemos que participantes podem estar falando a partir de várias posições - como pessoas físicas, em nome de suas organizações ou redes, ou como representantes de um grupo específico. Por favor, indique qual(is) perspectiva(s) você traz ao compartilhar suas percepções. Com aproximadamente 15 a 30 participantes por consulta, consideramos esta uma discussão mais ampla pois tais participantes geralmente representam e transmitem as prioridades de comunidades maiores.

Os resultados específicos incluirão:

- Um manifesto feminista do Sul Global que servirá como uma ferramenta para ação e definição de uma agenda.
- O manifesto será um documento para apoiar os esforços de defesa das feministas do Sul.
- Servirá como base comum para outros projetos, declarações e estratégias.
- Possibilitará a solidariedade e a ação feminista transnacional.

O processo de elaboração do manifesto envolverá uma consulta inclusiva e participativa em todas as regiões. Embora as pessoas coordenadoras estejam totalmente presentes e ativas durante as sessões de consulta, contamos com a ajuda de participantes para moldar e se apropriar do processo. Participar pode envolver preencher documentos breves com informações demográficas, orientar discussões em grupos, registrar o conteúdo dos grupos de discussão, enviar o relatório ao grupo principal e realizar diversas outras atividades. O processo de consulta será concluído com a formação de um Comitê de Elaboração do Manifesto, responsável por sintetizar as contribuições para criar o documento final.

Esta é uma rara chance de moldar o futuro do feminismo do Sul por meio de um processo coletivo, colaborativo, inclusivo e participativo. Ao participar das consultas, você pode:

- Compartilhar suas experiências vividas, visões de mundo e ideias;
- Conectar-se com feministas de diferentes regiões, identidades e perspectivas;
- Analisar processos e problemas complexos com diversas companheiras feministas;
- Aprender com outras experiências e práticas feministas;
- Influenciar o discurso e a liderança feminista global;
- Contribuir para uma visão de mudança radicalmente transformadora;
- Participar de uma comunidade crescente de ativistas feministas do Sul;

Entendemos que algumas pessoas ativistas feministas enfrentam barreiras ao acesso e à participação digital. Embora nossa capacidade seja limitada na secretaria da SFF, acreditamos que é importante centralizar as pessoas afetadas pela marginalização sistêmica. Aceitamos ideias sobre como tornar esse processo acessível para uma organização feminista mais ampla que atravesse as divisões digitais. Entre em contato conosco sobre quaisquer necessidades específicas para que possamos discutir possíveis acomodações e suporte para garantir que sua voz seja ouvida.

Nosso posicionamento

Reconhecemos que viemos de uma posição de marginalização e força - força derivada de séculos de resistência contra o colonialismo, o racismo, a pobreza, o cisheteropatriarcado e a exploração econômica.

Nossas identidades e experiências são diversas, abrangendo continentes, raças, etnias, idiomas, habilidades, classes, indigeneidade, deficiência, sexualidade e identidade de gênero, entre outros. Navegamos pelas complexidades de viver sob sistemas neocoloniais, em sociedades semifeudais, sob ocupação, no exílio e na diáspora.

Estamos reivindicando nosso lugar de direito ao estabelecer nossas próprias plataformas, definindo nossas próprias agendas com base em valores compartilhados, realidades vividas e diversas conceituações de justiça. Nosso caminho para o futuro rejeita as imposições coloniais e, em vez disso, baseia-se profundamente em nossas culturas e sistemas de conhecimento para moldar futuros definidos em nossos próprios termos.

Nossos princípios fundamentais

No centro de nossa visão estão estes princípios fundamentais:

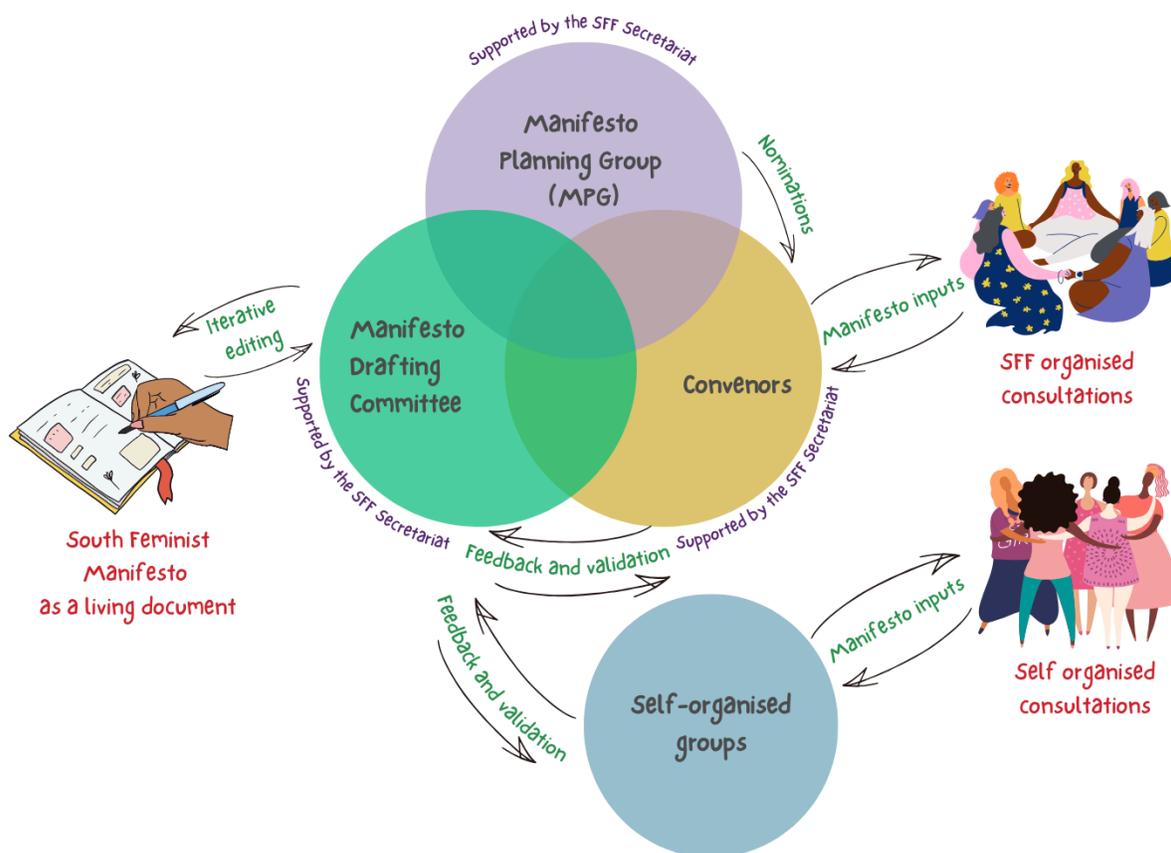
- **Decolonialidade** - Abraçamos a complexidade dos sistemas interligados de opressão e exploração colonial. Nossa libertação precisa ser confrontada com o cisheteropatriarcado, o racismo, o capitalismo, o capacitismo e o antropocentrismo.
- **Cuidado coletivo** - Propomos a solidariedade e o cuidado mútuo como antídotos para o individualismo do capitalismo neoliberal. Defendemos a interdependência entre as pessoas e a harmonia entre a humanidade e a natureza.
- **Pluriversalidade** - Honramos a diversidade de visões de mundo, culturas, identidades e soluções que existem no Sul Global. Nenhuma narrativa singular pode representar nossas multidões.
- **Autodeterminação** - Afirmamos os direitos das comunidades de determinar democraticamente seu próprio caminho, livre de todas as formas de dominação e violência.
- **Internacionalismo** - Estamos unidos por meio de nossas lutas compartilhadas contra sistemas de opressão que se cruzam e transcendem fronteiras. Expressamos solidariedade com todos os povos oprimidos cuja libertação está interconectada com a nossa.

O Manifesto servirá como uma estrutura para o futuro ativismo e solidariedade, apresentando uma agenda comum às feministas do Sul para questões que vão desde a justiça climática até os direitos corporais, orientando-nos no sentido de desafiar os sistemas de opressão.

Processo de elaboração do manifesto

O Manifesto Feminista do Sul busca articular uma visão e uma agenda compartilhadas para o futuro por meio de um processo amplo e participativo.

South Feminist Manifesto Drafting Process



- ★ O processo será orientado por um Grupo de Planejamento do Manifesto (GPM) diverso, com representação de todas as regiões, identidades e setores.
- ★ O GPM selecionará pessoas coordenadoras para conduzir consultas em vários idiomas para envolver feministas em todo o mundo. Métodos criativos off-line e on-line tornarão as consultas acessíveis.
- ★ Além disso, grupos auto-organizados focados em temas-chave serão convidados a participar.
- ★ Um *Comitê de Elaboração* composto por uma representação diversa de regiões, identidades e setores será formado para sintetizar os insights das consultas em versões preliminares sucessivas do manifesto.
- ★ As versões preliminares serão compartilhadas com o GPM e com as redes mais amplas para receberem feedback.
- ★ O manifesto final será traduzido em vários idiomas para ser lançado em 2024.

O Comitê de Elaboração fará minutas inclusivas e representativas que desafiem estruturas opressivas e forneçam um roteiro para mudanças. O comitê trabalhará em conjunto com o GPM para chegar a um consenso e validar o manifesto final por meio de um processo participativo.

Temas de discussão e perguntas orientadoras

Para elaborar um manifesto coeso, gostaríamos de receber suas percepções sobre cinco temas/pilares principais. Incluímos exemplos de tópicos e perguntas orientadoras em cada tema para sua consideração. Observe que as perguntas servem mais como um menu do que como uma lista de verificação; não se espera que você aborde cada pergunta em profundidade durante a consulta. Queremos que as discussões sejam conduzidas pelos interesses e prioridades que você identificar como mais relevantes ou impactantes. As perguntas existem para estimular a reflexão e oferecer opções de escolha durante a conversa.

Pilar 1: Confrontando hegemonias

Possíveis tópicos de discussão:

- Discutir o imperialismo, o controle de fronteiras, os conflitos e o cenário político global.
- Abordar o racismo, os sistemas de castas e a dinâmica sociocultural.
- Criticar o capitalismo extrativista e a privatização de bens públicos.
- Explorar estratégias para quebrar hegemonias, incluindo a hegemonia do conhecimento.

Perguntas orientadoras para o pilar 1

1. Quais são alguns exemplos das estruturas de poder patriarcal capitalista, imperialista e supremacista branco existentes hoje? Como elas mantêm o controle?
2. Quais instituições e fóruns globais específicos, como o WEF, o G20, o FMI etc., estão perpetuando a injustiça econômica? O "neocolonialismo" é um termo adequado para a dinâmica atual?
3. Como as novas tecnologias, como vigilância, plataformas de mídia social e IA, estão sendo usadas para expandir, mas também para interromper, as estruturas de poder dominantes?
4. Quais estratégias os movimentos feministas do Sul devem usar para envolver instituições como a ONU, a OMC, o Banco Mundial etc.?
5. Que revoltas populares recentes revelam rachaduras no status quo neoliberal? Como devemos reagir à violenta repressão estatal da dissidência?
6. Que hierarquias de raça, região, casta, classe, gênero e sexualidade existem nos movimentos feministas? Como lidamos com esse desequilíbrio de poder?
7. Onde os esforços feministas anticapitalistas, como o Occupy Wall Street, falharam e que lições podemos aprender com eles?

8. Com quais movimentos contra-hegemônicos e formas de organização existentes, como sindicatos, povos indígenas etc., podemos aprender?

Pilar 2: Criação de novos conhecimentos para futuros feministas do sul

Possíveis tópicos de discussão:

- Aplicar análises decoloniais aos impactos da tecnologia e ao colonialismo digital
- Fortalecer a análise das perspectivas de migração, deslocamento e trabalho
- Prever cuidados coletivos e espaços inclusivos

Perguntas orientadoras para o pilar 2

1. Como a produção de conhecimento acadêmico, político e da mídia é distorcida em relação ao Sul Global? Como podemos desafiar o domínio ideológico da ortodoxia neoliberal no discurso público e na formação de políticas macroeconômicas?
2. Até que ponto as agendas feministas se tornaram muito orientadas pelos doadores? Como podemos mudar a colonialidade eurocêntrica da produção de conhecimento para centralizar o conhecimento nos feminismos indígenas, no feminismo Dalit etc.?
3. Que exemplos de soluções feministas do Sul vemos no conhecimento ecológico, nas economias solidárias e nos modelos de desenvolvimento?
4. Como podemos aprender com eles e protegê-los da diluição e da apropriação?

Pilar 3: Recuperação do internacionalismo sul-sul

Possíveis tópicos de discussão:

- Ampliar as vozes do BRICS, Brasil, Caribe e Ilhas do Pacífico
- Criticar o domínio do Norte e avançar em direção à multipolaridade
- Construir a solidariedade sulista em meio à diversidade sociocultural

Perguntas orientadoras para o pilar 3

1. Por que as conexões Sul-Sul são importantes atualmente? Que novas parcerias podemos construir entre as regiões?
2. Como os projetos centrados nos homens, como o NAM e o G77, não conseguiram abordar as questões de gênero? Em vez disso, o que uma visão feminista sul-sul deveria priorizar?

3. Como os fóruns dominados pelo Ocidente, como a OCDE e o G7, ganharam influência enquanto a ONU perdeu terreno?

Pilar 4: Reimaginando o desenvolvimento

Possíveis tópicos de discussão:

- Examinar criticamente as noções dominantes de "desenvolvimento" e como o termo foi definido e empregado por instituições como o Banco Mundial e o FMI.
- Desafiar os modelos de desenvolvimento que são extrativistas, focados no crescimento e que dependem da opressão da natureza e das comunidades marginalizadas.
- Questionar políticas econômicas passadas, como a Nova Ordem Econômica Internacional e o Direito ao Desenvolvimento; analisar suas limitações e aspectos valiosos.
- Reformular visões alternativas de desenvolvimento baseadas em sustentabilidade ecológica, sistemas de cuidado, economias solidárias e visões de mundo indígenas.
- Centralizar a justiça climática e ambiental, a reforma agrária, a economia feminista e as estruturas de transição justa como essenciais para reimaginar o desenvolvimento.
- Construir poder a partir de baixo por meio de organização de base e processos participativos que redefinem o progresso em termos e realidades locais.

Perguntas orientadoras para o pilar 4

1. Como será uma agenda de desenvolvimento anticapitalista e antirracista?
2. A nova atenção que está sendo dada à interseccionalidade e à descolonização é uma moda passageira ou uma mudança de paradigma? Como nós, feministas do Sul, podemos enriquecer e informar essas conversas?
3. Como podemos reavivar os debates em nível nacional como um desafio ao neoliberalismo?
4. Quais são nossas críticas feministas do Sul à agenda Beijing + 25 / Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e à influência corporativa na filantropia, isto é, ao filantropocapitalismo? Existe a necessidade de resgatar o "direito ao desenvolvimento" e quais são as percepções feministas sobre isso?
5. Que questões, como trabalho de cuidado não remunerado, impactos climáticos, direitos à terra e crise da dívida global, uma agenda de desenvolvimento feminista do Sul deveria abordar?
6. Como as feministas estão contribuindo para iniciativas como o Green New Deal, políticas de proteção social e desenvolvimento sustentável? Devemos nos engajar em estruturas existentes ou criar nossas próprias estruturas?

Pilar 5: Estratégias para mudança e resistência

Possíveis tópicos de discussão:

- Compartilhar estratégias como multilateralismo e responsabilidade corporativa
- Propor políticas para a descolonização do idioma e reparações
- Prever uma governança que permita a autodeterminação

Perguntas orientadoras para o pilar 5

1. Como podemos superar a fragmentação dos movimentos feministas no Sul Global e quais são algumas das questões em torno das quais devemos construir esses movimentos?
2. Como as feministas podem colaborar melhor com os movimentos sociais existentes, como sindicatos, povos indígenas, movimentos de justiça racial etc.?
3. Por que as campanhas antiglobalização, antirracismo, anticapitalismo, 50 anos é o bastante, jubileu da dívida, solidariedade com a Palestina morreram ou se diluíram? O que as substituiu?
4. Se os processos democráticos normais não conseguiram responder às demandas por mudanças, o que os movimentos devem fazer? Como lidamos com a escalada da violência contra protestos pacíficos, a liberdade de expressão e o desmantelamento das estruturas de direitos humanos?
5. As colaborações feministas regionais podem ser um trampolim para a construção do internacionalismo Sul-Sul? Como podemos fortalecer a cooperação, as redes e as parcerias regionais e internacionais?
6. Como superamos as restrições geográficas e de idioma? Como podemos garantir que essas colaborações sejam baseadas nas lutas locais?

Diretrizes de participação

Nosso objetivo é criar um ambiente acolhedor e inclusivo para todas as pessoas participantes. Ao participar desta consulta, você concorda em:

- Tratar todas as pessoas participantes com respeito, dignidade e cuidado. Ouvir ativamente e compartilhar o espaço para os outros falarem;
- Evitar linguagem e comportamento discriminatórios, incluindo racismo, casteísmo, homofobia, transfobia e discriminação com base em etnia, religião, deficiência, idade, aparência, ocupação ou qualquer outro aspecto de identidade;
- Comunicar imediatamente qualquer incidente de discriminação aos facilitadores e ao site manifesto@southfeministfutures.org. Sua denúncia permanecerá totalmente confidencial;
- Não compartilhar capturas de tela, fotos, áudio ou vídeo de outros participantes sem o consentimento deles. Observe que a consulta será gravada pelos organizadores para anotações internas. As gravações não serão compartilhadas publicamente sem a sua permissão;

Última atualização: 12 de novembro de 2023

- Envolver-se de boa-fé e expressar discordâncias e opiniões diversas com respeito. Evitar ataques pessoais ou insultos;
- Manter total confidencialidade de todas as histórias e identidades compartilhadas por outros participantes.

Contatos

E-mail: manifesto@southfeministfutures.org

Membros da equipe do projeto

Trimita Chakma

Consultora de projetos - Manifesto Feminista do Sul
tchakma@southfeministfutures.org

Kiran Chauhan

Associada do programa - Manifesto Feminista do Sul
kchauhan@southfeministfutures.org

Nos siga nas redes sociais

- Facebook: <https://www.facebook.com/profile.php?id=61552270614676>
- Twitter: [@SouthFeministas](https://twitter.com/SouthFeministas)
- LinkedIn: <https://www.linkedin.com/showcase/south-feminist-manifesto/>

Inscreva-se para receber as informações mais recentes sobre a campanha usando o código QR abaixo



Anexo A: Glossário

Capacitismo - Preconceito ou discriminação contra pessoas com deficiência. O capacitismo dá origem a comportamentos preconceituosos que dificultam a participação de pessoas com deficiência e pessoas com doenças físicas, mentais e emocionais na sociedade.

Exemplo: A falta de rampas para cadeiras de rodas restringe a participação de pessoas com deficiência na sociedade.

Antropocentrismo - A crença de que os seres humanos são a entidade mais importante e que a natureza existe apenas para uso humano, em vez de ter valor intrínseco.

Exemplo: O desmatamento que prejudica os habitats da vida selvagem em prol do crescimento industrial ilustra essa visão antropocêntrica.

Cuidado coletivo - A responsabilidade compartilhada das comunidades de nutrir, proteger e incentivar o bem-estar de seus membros por meio de solidariedade e apoio mútuos.

Exemplo: Creches e refeições organizadas pela comunidade para que ninguém tenha que se sobrecarregar ou se esforçar por conta própria.

Decolonialidade - O processo de expor, desafiar e dismantelar ideologias e sistemas coloniais que permanecem profundamente arraigados nas culturas, economias, políticas e sistemas de conhecimento atuais.

Exemplo: Questionar narrativas históricas contadas a partir da perspectiva do colonizador.

Cisheteropatriarcado - Sistemas sociais de poder que sustentam e reforçam a heterossexualidade e as identidades binárias cisgênero como dominantes e normativas, privilegiando os homens cis e oprimindo sistematicamente aqueles com outras identidades de gênero e orientações sexuais.

Exemplo: Leis que reconhecem apenas o casamento entre homens e mulheres cis, e proíbem o casamento entre pessoas do mesmo gênero ou pessoas trans.

Sul Global - As regiões e os países da África, América Central e Latina, Caribe e a maior parte da Ásia, incluindo o que é conhecido como Oriente Médio ou Ásia Ocidental, que compartilham experiências comuns de colonialismo, neocolonialismo e desvantagens econômicas atuais na ordem global. É também uma identidade política e analítica reivindicada por comunidades racialmente marginalizadas que vivem no Norte Global geográfico e que compartilham laços históricos e opressões sistêmicas com as nações da África, Ásia, América Latina etc.

Exemplos: Índia, Nigéria e Brasil fazem parte do Sul Global, assim como povos indígenas nos EUA que se identificam com o termo Sul Global.

Hegemonia global - O domínio de um grupo sobre outros em todo o mundo nos domínios econômico, cultural e tecnológico.

Exemplo: A influência descomunal de instituições como o FMI, o Banco Mundial e a OMC na definição de políticas para as nações do Sul.

Interseccionalidade - A natureza interconectada das identidades sociais e dos sistemas de opressão que se sobrepõem e formam a pluralidade das realidades vividas de privilégio e marginalização.

Exemplo: Mulheres indígenas que enfrentam tanto o racismo quanto o patriarcado.

Internacionalismo - O princípio de organizar atividades ou movimentos políticos que vão além das fronteiras nacionais e transcendem o nacionalismo.

Exemplo: Feministas construindo alianças Sul-Sul além das fronteiras.

Neocolonialismo - A prática de usar o poder econômico, político ou cultural para controlar outro país, mesmo depois de ele ser politicamente independente.

Exemplo: Políticas comerciais que beneficiam as multinacionais do Norte em detrimento dos países do Sul.

Filantropocapitalismo - A tendência crescente de filantropos, corporações e fundações privadas extremamente ricas que orientam as agendas de organizações sem fins lucrativos, instituições internacionais etc.

Exemplo: A Fundação Bill Gates influenciando as políticas globais de saúde.

Pluriversalidade - A existência de múltiplas visões de mundo, realidades e sistemas de conhecimento que desafiam o domínio do universalismo eurocêntrico.

Exemplo: Práticas indígenas de gerenciamento de água desenvolvidas localmente.

Autodeterminação - O direito de povos, nações, comunidades e indivíduos de decidir livremente seu status político, seu lugar no mundo e buscar o desenvolvimento econômico, social e cultural em seus próprios termos. Em nível individual, refere-se ao direito de tomar decisões sobre a própria vida e o futuro sem coerção.

Exemplos: Povos indígenas com autonomia sobre suas terras ancestrais; uma mulher com autonomia corporal para fazer suas próprias escolhas de saúde e reprodução.

Anexo B: Principais características, abordagens e visão do Manifesto Feminista do Sul

O resumo abaixo reflete o pensamento inicial sobre os principais recursos, abordagens e visão do Manifesto Feminista do Sul, conforme discutido pelos membros do Grupo de Planejamento do Manifesto presentes na reunião de 12 de julho de 2023.

Principais recursos do manifesto

O conteúdo e a estrutura pretendidos para o manifesto são os seguintes:

- Documento vivo e em constante evolução;
- Estrutura fundamentada em raiva, esperança e ação;
- Visão geral e versões detalhadas;
- Análise de tendências que abrange os principais problemas;

- Centrado na violência baseada em gênero e na militarização;
- Linguagem forte e acessível;
- Aborda questões de legitimidade e incentiva a ampla participação;
- Discute danos, reparação e transferência intergeracional;
- Idealiza futuros sul-feministas e futuros centrados na comunidade;
- Desenvolve um plano de ação e um registro de indignação;

Abordagens para desenvolver o manifesto

O processo e as perspectivas que orientam o desenvolvimento do manifesto incluem:

- Aprendizado a partir de manifestos e processos já existentes;
- Realização de consultas participativas e fundamentadas;
- Abordagem Interseccional, destacando diversas vozes;
- Postura anticolonial, antineoliberal e anticapitalista;
- Visão radical do futuro por meio das artes e da política queer;
- Análise contextual dos desafios do Sul;
- Diálogo intergeracional por meio da tecnologia;
- Cautela com os riscos de cooptação.

O que imaginamos para nosso manifesto

- Trazer perspectivas feministas do Sul novas e originais em vez de replicar textos existentes;
- Falar diretamente da nossa posição, sem fazer apelos generalizados às instituições;
- Concentrar-se em soluções, visões e ideias de mudança em vez de apenas em problemas;
- Usar linguagem acessível e relacionável em vez de jargão acadêmico diluído.
- Um processo interativo e participativo liderado por feministas do Sul, e não um esforço apressado orientado por doadores;
- Inclusão radical que amplia as vozes marginalizadas;
- Priorizar coletivos, comunidades e interdependência em vez de indivíduos;
- Um documento vivo que cresce e evolui com o tempo.